



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.59517

ESCOLA É... ESPAÇOTEMPO DE CIÊNCIA, PESQUISA, ENSINO E EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS

Caríssimos/as Leitores/as,

Em tempos marcados pela crise mundial associada à Pandemia (COVID-19) trazemos o desafio de lidar com a Educação e com o Ensino na perspectiva que valoriza diferentes pesquisas e experiências desenvolvidas nestes campos. A ciência e sua apropriação social, associadas têm se mostrado como caminhos fundamentais no combate a ignorâncias, discriminações e exclusões de todas as ordens. Quando do lançamento deste número, nosso país havia perdido mais de 400 mil vidas. Ainda, junto à devida solidariedade que prestamos, resolvemos não sucumbir e afirmar a importância do conhecimento socialmente construído por meio da educação.

Os espaçotempos educativos são aqui explicitados nos diferentes trabalhos voltados ao ensino. A possibilidade de aprender, inclusive para grupos socialmente vulneráveis, pode ocorrer, de forma pedagógica, nas interfaces da escola em ambiente de biblioteca e nas redes sociais para as aulas de ciências, ambas visando à promoção de experiências educativas para a construção do conhecimento científico num contexto de vulnerabilidade. Tal ação que não se prende às “4 paredes da sala de aula”, também é aventada na sequência pela perspectiva de ensinar/educar para a sustentabilidade, relacionando universidade e escola. A perspectiva relacional, segue sendo uma base, pois não há como deixar de associar conhecimento e sociabilidades, e isso se apresenta no terceiro texto desta edição a tratar das relações afetivas calcadas na amizade, desde a infância. Para muitos, tal perspectiva se associa à produção das competências socioemocionais. Mas o que isso quer dizer? Confira na leitura do 4º texto de nossa edição.

E quais atitudes se revelam no ato de aprender? Melhor saber dos aprendentes! Para tanto, o texto seguinte indaga “Quais as principais condutas que os estudantes manifestam em relação a situações de aprendizagem?”.

Preocupa-nos, como docentes, o que tem sido de fato aprendido e tal preocupação norteia o estudo seguinte, ao analisar o desempenho dos que se submetem ao ENEM, no campo de suas questões voltadas ao ensino da Sociologia, demarcando sua importância curricular.

Se a Sociologia nos importa, igualmente o faz a inserção sociológica da mulher no ensino e no aprendizado da Matemática. E, por isso, não seria correto interditar a contribuição da pesquisa nesta condição. Da mesma forma, cercada de desafios se faz presente outro trabalho, voltado à educação escolar indígena e à necessidade de disseminação de ferramentas que a proporcionem para todos. Coloca-se como necessidade fundamental aí nosso tempo, na superação de todos os estudantes, indígenas e não indígenas.

Numa sociedade competitiva e excludente, que atenção devemos voltar ao uso de jogos na escola? Por aí caminha mais um dos textos desta edição. Por falar



em caminhar, dificilmente o fazemos sem uma orientação, principalmente sem uma orientação espacial e nem sempre ela está desenvolvida. O texto subsequente traz contribuições ao campo do ensino e ao desenvolvimento escolar a respeito deste tema.

Se na atualidade viver tem sido uma forma de luta, resistência, não é verdade isso está garantido. Igualmente que todos têm consciência formada sobre suas condições de educar-se e da relação que isso tem como o trabalho na sociedade contemporânea. Ambas as condições são passíveis de precarização. O texto em sequência discute a necessidade de crítica consistente dessa situação estrutural. Se o capital possui formas simbólicas de dominação, o conhecimento científico pode colaborar para problematizá-las. No campo da formação de professores, investigar a experiência representacional de docente que atua na EJA, na área de ensino de Biologia, pode ser um caminho interessante para compreender como isso pode ocorrer. Ainda dialogando com a formação docente, o trabalho seguinte aborda a atuação com “alunos com deficiência intelectual e a importância da formação de conceitos para a aprendizagem dentro da perspectiva histórico-cultural de Vigotski”. Há muito que se aprender sobre isso.

No viés da Arte, o trabalho seguinte, leva-nos a conhecer melhor sobre os 30 anos da Abordagem Triangular em salas de aulas de escola de Rede Pública. Arte e conhecimento, ensino e educação, todos se associam.

Da catástrofe de Brumadinho vem o trabalho voltado ao ensino de Química se utilizando da perspectiva de caso simulado, com base na relação entre Ciência, Tecnologia e Sociedade.

Ainda se tratando de formação, o entendimento das questões de Gênero e Sexualidade são trazidos como necessários para o campo da Pedagogia e seus estudantes. Para isso, os seus formadores também precisam significar tais temáticas.

No vai e vem que esta edição apresenta, sempre se preocupando com o alcance da dimensão do ensinar e do aprender, os dois textos subsequentes voltam-se a espaços como as Feiras de Ciências e as Praças, demarcando ampliar perspectivas do conhecimento socioambientais.

Se a competição foi discutida em texto anterior, outro dos textos apresentados voltam-se à aprendizagem cooperativa nas práticas de avaliação formativa em ambiente escolar, apontando para seus impactos positivos no desempenho dos estudantes.

E expressão cooperativa segue firme em escola pública que se volta à questão da valorização do cooperativismo, agricultura familiar e da economia solidária, a educação do campo e a segurança alimentar. Na sequência, outro texto aborda a questão da segurança alimentar também por meio da escola, articulando o que se consome e os impactos disso na saúde. O mesmo faz o texto subsequente ao trilhar caminhos que articulam Educação, Saúde e prevenção ao consumo de alimentos.

Assim como vários dos textos até agora enredados, mais um deles trata da interface articulada entre universidade, docência, formação e escola. Ele se refere à importância inquestionável das ações do PIBID. Aproveitando o esteio disso, surge outro texto nesta edição, que valoriza a reflexão sobre a profissão do cientista, a partir de projeto de extensão universitária. Também o fazem médicos ao ir a campo,



conforme nos revela nosso último texto da edição, pautando a interface universidade-saúde-escola, por meio de relações criativas, comunicativas e lúdicas.

E assim, preservando a vida, terminamos esta edição, lutando para que para todos e todas tenham acesso Público, Universal e Gratuito à Educação, ao Ensino de Qualidade, à Formação digna e à Saúde Integral.

Rio de Janeiro, Outono de 2021

Lincoln Tavares Silva

Editor Geral e-Mosaicos